

# Os desaparecidos da comunidade japonesa na ARGENTINA

Elsa Oshiro



Prefácio de Nora Cortiñas (Mãe de Praça de Maio)



Segundo uma lenda asteca, quando um guerreiro morre, volta na forma de borboleta para ajudar aos que seguem lutando. A memória é como uma borboleta. Nossos desaparecidos nos inspiram a trabalhar pela Verdade e Justiça, a não abandonar as utopias. Este artigo é parte do compromisso assumido desde o exato momento em que levaram o meu irmão Jorge, de não parar até encontrar respostas do porque o levaram, onde, quem e o que fizeram com ele. Nesta busca juntei-me ao grupo de familiares de outros desaparecidos de origem japonesa e juntos, temos conseguido maior presença e visibilidade, sem esquecer que eles são parte dos 30.000 desaparecidos e que a nossa luta e nossas reivindicações estão inseridas nos organismos de direitos humanos que levantam a bandeira de Memória, Verdade e Justiça, que não esquecem, que não perdoam e não se reconciliam com os genocidas, que reclamam pela abertura de todos os arquivos da ditadura, e que pedem julgamento e punição aos responsáveis e prisão comum, perpétua e efetiva para os condenados.



# **PREFÁCIO**

Tzvetan Todorov escreveu sobre os usos e abusos da memória e se refere à memória exemplar que nos libera. Nesse sentido, o artigo de Elsa Oshiro relata como os parentes dos desaparecidos Nikkei na Argentina não usam a memória de jeito abusivo (ou seja tratando de fechar o passado com um olhar nostálgico) mas como a única forma de poder olhar à frente: olhando uma e outra vez o passado para compreendê-lo, já que a história é um processo causal que ajuda a entender o presente.

Este grupo de familiares, como os familiares dos 30.000 presos desaparecidos, não tem escolhido o caminho da vingança em nenhum caso. Ao contrário, tem apostado permanentemente na memória como ferramenta indispensável para conseguir a Verdade e a Justiça.

O desaparecimento forçado de pessoas é o crime dos crimes; é quando a uma pessoa se lhe tira quaisquer possibilidades de exercer todos os seus direitos, é quando se repete a metodologia nazista de “noite e escuridão”, quando o desaparecido não pode saber o que aconteceu com a sua família, e quando a sua família é impedida de conhecer o que aconteceu com o seu ser querido.

Com a insistência que nos dá o saber da justa reivindicação, os familiares dos desaparecidos da coletividade japonesa conseguiram, com o tempo, a resposta positiva sobre o acompanhamento do governo japonês, que finalmente compreendeu o drama que se vive quando tem um ser querido nessa situação de incerteza.

A reivindicação dessas vítimas do terrorismo do Estado é uma forma de deixar, às futuras gerações, a história viva que une os nossos dois países (Argentina e Japão), uma herança dos melhores valores da humanidade.

Celebramos a publicação desse artigo que resgata o compromisso e as trajetórias desses homens e mulheres que acreditaram que um mundo mais justo e digno podia ser construído e resgata a luta dos familiares para honrar sua memória e que não desanimaram na busca de respostas sobre o motivo pelo qual foram sequestrados, aonde e o que fizeram com eles, e assim, exigir justiça.

Junto a eles dizemos: não há perdão, não há esquecimento, não há reconciliação com os que cometeram crimes de lesa humanidade.

## 30.000 Detidos Desaparecidos Presentes Agora e Sempre !

Nora Morales de Cortiñas  
Mães da Praça de Maio, Linha Fundadora  
Agosto de 2016



# **Os desaparecidos da comunidade japonesa na ARGENTINA**

Por Elsa Oshiro<sup>(1)</sup>

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

Meu nome é Elsa Oshiro, sou a irmã mais velha de Jorge Eduardo Oshiro, sequestrado por um “grupo de tarefas” da ditadura militar argentina, na madrugada de 10 de novembro de 1976, quando ele tinha apenas 18 anos de idade.

A princípio, minha família fez as denúncias correspondentes por conta própria, em absoluta solidão mas, dois anos depois, me juntei ao grupo de familiares de desaparecidos da comunidade japonesa, que começara a se reunir em busca de respostas junto às instituições japonesas dentro da Argentina - incluindo organizações governamentais e não governamentais - com o objetivo de solicitar mediação entre nós e o governo argentino, que no momento não oferecia nenhum tipo de resposta a nossas reivindicações.

Esse grupo era formado, inicialmente, por Maria Antônia “Mary”, irmã de Juan Carlos Higa, e por Eduviges Bressolin “Beba”, esposa de Oscar Oshiro. No decorrer de quase quatro décadas, ganhamos visibilidade, tanto dentro quanto fora da comunidade japonesa. Entretanto, o começo foi muito difícil, havia medo entre diligência local e até mesmo casos de afinidade ideológica com o regime vigente. O governo japonês, por sua vez, insistia que não poderia intervir nos assuntos internos de um país soberano como a Argentina, e que os desaparecidos eram cidadãos argentinos - o que não era verdade, uma vez que um deles havia nascido no Japão e outro possuía dupla nacionalidade (japonesa e argentina). Ainda assim, toda vez que nos reuníamos com as autoridades da Embaixada do Japão, argumentávamos que os pais das vítimas eram japoneses e por isso mereciam apoio em suas reivindicações contra o governo ditatorial argentino. O presente texto tem como objetivo difundir as histórias de vida dos membros da

comunidade japonesa, que foram vítimas do terrorismo de Estado, e mostrar o trabalho realizado por seus familiares para honrar a memória dessas pessoas, em uma busca continua por verdade e justiça.

## INTRODUÇÃO

A imigração japonesa na República Argentina teve um início tímido no final do século XIX, mas ganhou intensidade no período entre guerras, com a chegada de grandes contingentes de cidadãos japoneses, que buscavam trabalho e melhores condições de vida, em um país que gozava de prosperidade, principalmente, dentro do mercado agrícola.

A derrota do Japão, em 1945, trouxe como uma das principais consequências a perda de sua hegemonia no leste asiático, o que fez com que muitos japoneses que habitavam as ex-colônias tivessem que retornar para o Japão, que se encontrava em ruínas e mal podia abastecer sua população.

Diante desse panorama, os sonhos dos imigrantes de voltar ao seu país natal foram desvanecendo e a Argentina passou a ser considerada um lugar de residência definitiva, tanto que muitos imigrantes começaram a influenciar outros japoneses, especialmente familiares, a mudar-se para esse país, que tinha boas condições de vida e não havia apresentado uma atitude hostil em relação a seus novos moradores, como ocorreu em outros países da América Latina.

Segundo a Embaixada Japonesa na Argentina, em 1878 a comunidade Nikkei<sup>(2)</sup> era de 30.618 pessoas, das quais 15.492 tinham nascido no Japão (issei), sendo 50,6% oriundos da província de Okinawa<sup>(3)</sup>.

Do total de japoneses isseis na Argentina,

1. Elsa Oshiro, integrante do grupo “Familiares de Detenidos Desaparecidos de la Colectividad Japonesa”, do Movimento Ecumênico pelos Direitos Humanos e da Associação Anahí. Professora de História. E-mail: elsaooshiro@yahoo.com.ar

2. O termo Nikkei refere-se aos imigrantes de origem japonesa e a sua descendência (contemplando também àqueles de ascendência mista, quer dizer aqueles que tem origem japonesa por linha materna ou paterna). Especificamente, imigrantes nascidos no Japão são denominados issei, nissei são os filhos de japoneses e sansei seus netos.

3. Ilha localizada no sul do Japão, que foi incorporada tardiamente ao Império. Depois da derrota na Segunda Guerra Mundial passou a depender dos Estados Unidos e em 1972 foi restituída ao Japão. Ainda hoje 18% do território de Okinawa segue ocupado por bases militares estadunidenses.



cerca da metade, 7.711 imigrantes chegaram ao país antes da Segunda Guerra Mundial e a outra metade, 7.781 pessoas, se mudou após a Guerra<sup>(4)</sup>.

Nas décadas dos 1960 e 1970, os filhos dos primeiros imigrantes começaram a integrar e assimilar a sociedade argentina, um sinal disso foi que dentro de nossa comunidade, pouco significativa em números, foram registrados 14 casos de prisões políticas durante a última ditadura civil-militar que assolou nosso país - graças ao extraordinário trabalho da Equipe Argentina de Antropologia Forense foi possível identificar restos mortais de dois desses desaparecidos, que foram devidamente devolvidos aos seus familiares. Ao grupo de vítimas, agregamos também um cidadão executado pela “Tríplice A” em 1975 e outros dois assassinados no momento de suas detenções<sup>(5)</sup>. Assim sendo, ao todo foram dezessete vidas, entre as 30 mil tomadas pelo plano sistemático de aniquilação da ditadura genocida<sup>(6)</sup>, cujas histórias serão relatadas a seguir, em ordem cronológica.

Em seguida serão mencionados os casos de alguns dos nikkéis detidos durante os anos do terrorismo de Estado ou da etapa posterior, que puderam sair com vida de seus cativeiros. Por fim, o presente texto mencionará três casos de descendentes japoneses que trabalharam ao lado do governo ditatorial e que foram levados a juízo por seus crimes contra a humanidade. Temos consciência que esse registro ainda está incompleto, por isso programamos a agregação de novas informações em publicações futuras, à medida que as investigações forem apresentando mais resultados.

### AS VÍTIMAS DO TERRORISMO DE ESTADO

CARLOS ANIBAL NAKANDAKARE: Nasceu no dia 18 de maio de 1954. Vivia em Cipolletti, na província de Rio Negro, mas se mudou para Bahía Blanca para estudar engenharia na Universidade del Sur. Sua militância política é desconhecida.

Estava cursando o segundo ano da universidade quando foi assassinado, enquanto voltava para casa depois de uma reunião com um grupo de amigos.

No ano de 2015, os fiscais Miguel Palazzani e José Nebbia, da unidade que atende aos casos de crime contra a humanidade em Bahía Blanca, solicitaram a investigação de 22 homicídios cometidos contra militantes de uniões e grêmios estudantis, entre os quais figura o caso de Carlos Anibal Nakandakare; segundo investigações, Carlos foi encontrado em uma região despovoada da cidade, no dia 26 de junho de 1975, o jovem agonizava de dor e morreu pouco depois de ser encontrado. No atestado de óbito, entregue a família, consta que a causa da morte foi uma hemorragia interna traumática, ocasionada por três disparos com arma de fogo.<sup>(7)</sup>

EMILIO YOSHIMIYA: Infelizmente, até a data de publicação desse artigo não conseguimos nos comunicar com os familiares de Emilio Yoshimiya, mas segundo informações publicadas no anexo de “Nunca Más” sabemos que Emilio era casado e trabalhava, a fonte não menciona o lugar exato, porém relatos apontam que ele era motorista de ônibus na zona norte da Província de Buenos Aires, no entanto não foi possível confirmar essa informação. Yoshimiya desapareceu no dia 25 de março de 1976, seu endereço na época era o km. 49 da rodovia nove em Escobar, Província de Buenos Aires. O número da denúncia de seu desaparecimento junto a Comissão

4. Onaha, Cecilia. “Historia de la migración japonesa en Argentina. Diasporización y transnacionalismo”. Em: Revista de Historia. Universidad Nacional del Comahue. <http://revele.uncoma.edu.ar/htdoc/revele/index.php/historia/article/view/83/81>

5. Na realidade foram três vítimas, uma vez que uma das vítimas estava grávida.

6. No dia 25 de setembro de 2005 foi realizada uma homenagem aos cidadãos franceses vítimas da ditadura militar argentina, na Igreja de la Santa Cruz. Ao todo foram registrados 16 sequestros e assassinatos um número similar ao nosso.

7. [www.fiscales.gob.ar/lesa-humanidad/bahia-blanca-pidieron-investigar-22-homicidios-cometidos-entre-1974-y-1975/](http://www.fiscales.gob.ar/lesa-humanidad/bahia-blanca-pidieron-investigar-22-homicidios-cometidos-entre-1974-y-1975/)

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

Nacional Sobre o Desaparecimento de Pessoas (CONADEP) é o 2621.

KATSUYA “CACHO” HIGA: Foi sequestrado em via pública, na cidade de Buenos Aires, no dia 22 de agosto de 1976, aos 26 anos de idade. Katsuya era solteiro e vivia na Argentina com os pais desde os dois anos de idade - sua cidade natal era Kita Nakagusuku, em Okinawa, Japão. Era formado em sociologia pela Universidade Nacional de Buenos Aires (UBA).

Trabalhou como auxiliar em Introdução a Realidade Nacional durante o ciclo de iniciação da Faculdade de Filosofia e Letras, de abril de 1974 a março de 1975. Depois, em julho de 1975, trabalhou como auxiliar de segunda categoria na matéria Introdução a Sociologia, dentro do curso de psicologia. No momento de seu desaparecimento trabalhava para a Associação de Benefícios Sociais (Asociación de Prestaciones Sociales - APS)<sup>(8)</sup>.

Militava na “Tendência Universitária Popular Anti-imperialista e Combativa” (TUPAC), braço estudantil da Vanguarda Comunista (Vanguardia Comunista - VC), de orientação marxista- maoísta.

JUAN ALBERTO CARDOZO HIGA: Até meados de 2010 tudo que conhecíamos sobre Juan Alberto Cardozo Higa fora retirado do anexo “Nunca Más”, porém naquele ano o jornalista Diego Arduouin entrou em contato conosco para escrever uma matéria sobre os desaparecidos da comunidade, que posteriormente seria publicada em Dispatches International<sup>(9)</sup>. Arduouin iniciou uma investigação própria sobre Higa, e com isso conseguimos mais informações a respeito dele. O jornalista visitou a casa onde Higa foi assassinado, no dia 21 de outubro de 1976,

localizada em Herrera 1367, no bairro de Barracas em Buenos Aires. Lá ele pode conversar com uma pessoa que testemunhou a operação organizada visando à prisão de Higa. Essa testemunha relatou que a operação incluía um helicóptero e mais de 50 militares. Higa foi morto no teto de sua casa. Segundo o jornalista, ele trabalhava em um laboratório, e era membro da Organização Comunista Poder dos Trabalhadores (Organización Comunista Poder Obrero - OCPO)<sup>(10)</sup>.

Quando tomei conhecimento dessas novas informações, conversei com um amigo que também fazia parte do OCPO, e sua resposta foi: Não me diga que o “China” (El Chino) era japonês! Meu amigo e Higa não chegaram a militar juntos, mas El Chino era muito conhecido dentro do grupo.

O filho de Higa, Darío, que tinha quatro anos quando seu pai foi morto, leu o texto de Arduouin na internet e, então, decidiu entrar em contato com o jornalista através de e-mail, que por sua vez ofereceu a Darío o contato do grupo de familiares da comunidade. Convidamos Darío a comparecer a nossa mostra “Quem Deixa Marcas Não Desaparece” (No desaparece quien deja huellas), realizada na Associação Japonesa de Buenos Aires, nos dias 10, 11 e 12 de junho de 2011; ele compareceu acompanhado de sua mãe, Susana.

Naquele momento tive a oportunidade de conversar com a família de Higa e conhecer um pouco sobre sua vida. Susana me contou que eles pouco sabiam sobre a família materna de seu esposo, mas que a mãe dele se chamava Rosa. Juan Alberto Cardozo Higa trabalhava no Laboratório Squibb<sup>(11)</sup>, em San Fernando, onde militava em favor dos trabalhadores e conquistou muitos benefícios, entre eles, creche para os filhos dos funcionários.

8. APS foi uma instituição de segurança social de empresários e altos funcionários, que nasceu no começo dos anos 70, vinculada a Confederação Geral Econômica (Confederación General Económica - CGE). Chegou a ter mais de 200 mil beneficiários, mas logo houve intervenção do governo militar.

9. DispatchesInternational (DI News) é um portal de notícias online, do qual participam jornalistas do mundo todo. Dedicar-se a publicar temas novos, com base em entrevistas a seus protagonistas.

10. Ardouin, Diego: Rediscovering the “Disappeared”, DispatchesInternational, 23 de mayo de 2010: <http://www.dispatchesinternational.org/?p=156>. A versão em espanhol do texto “Desaparecidos de la Colectividad Japonesa durante la dictadura militar del 76-83” pode ser acessada link :<http://argentina.indymedia.org/news/2010/11/762655.php>

11. <http://argentina.indymedia.org/news/2010/11/762655.php>

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

JORGE EDUARDO OSHIRO: Meu irmão Jorge era o segundo filho dos seis de Shinsuke Oshiro y María Takara, eu sou a mais velha.



Jorge (em pé, a segunda pessoa da direita para a esquerda) acompanhado de seu avô paterno, pai, irmãos e irmãs.

Jorge nasceu no dia 2 de janeiro de 1958. Durante o ensino fundamental estudou no Instituto Emilio Lamarca e, para o ensino médio, foi para a Escola Nacional de Educação Técnica N° 1 “Alemanha”<sup>(12)</sup>, ambas localizadas na Vila Ballester, em São Martín, grande Buenos Aires, onde Jorge passou toda sua breve vida.

Militava na frente estudantil da JSA (Juventude Socialista de Avançada), braço jovem do PST (Partido Socialista dos Trabalhadores; Partido Socialista de los Trabajadores). Divulgava e vendia o jornal “Avançada Socialista”, que tinha um caderno chamado “La Chispa” (A Faisca) direcionada aos mais jovens.

No final de 1974 a situação política já era difícil. Em 1975 a “Tríplice A” intensificou suas operações contra os militantes e os locais ligados a partidos de esquerda, e em 1976 o golpe de Estado, no dia 24 de março, tornou a repressão ainda mais massiva e sistemática.

O PST instruiu seus membros a deixarem seus lares e a buscarem um abrigo seguro. Jorge, depois de uma conversa com nosso pai, decide ficar em casa. Meu pai tomou como exemplo o caso de Juan Carlos Higa, que havia sido detido em 1975 e liberado dois meses depois além disso imaginaram que por Jorge ser jovem e com pouco tempo de militância, poderia sair ileso. O que meu pai não imaginava é que Juan Carlos seria preso novamente dois anos depois e dessa vez não retornaria a liberdade.

Jorge comentou com seus amigos que “no máximo vou levar alguns tapas, mas depois eles vão me deixar em paz” e não deixou seu lar.

Na madrugada do dia 10 de novembro de 1976 tocaram a campainha de nossa casa, na rua Lamadrid, 1340. Disseram-nos que traziam uma pessoa ferida, como nessa noite nosso tio estava visitando, minha mãe abriu a porta em seguida, e então um grupo de pessoas armadas se apresentou. Parte do grupo ficou com nossos pais e a outra parte se encaminhou diretamente ao quarto onde Jorge dormia e o levaram - nota-se que eles conheciam bem a casa.

Minha família não fez a denúncia junto a Embaixada do Japão, apesar de um primo nosso ter sugerido isso, pois achávamos que se tratava de uma detenção rápida, apenas para a verificação de antecedentes criminais e logo Jorge estaria de volta. No começo não tínhamos noção do que realmente estava acontecendo, mas não demoramos muito para perceber que o golpe do dia 24 de março de 1975 não ocorreu somente para acabar com uma guerrilha, mas sim para destruir toda forma de organização popular.

Pouco tempo depois recebemos um mandado judicial em nome de Jorge, porque ele não havia se apresentado ao exame médico, necessário para sua incorporação ao Serviço Militar Obrigatório, Jorge tinha nascido em 1958, a primeira geração a realizar o alistamento aos 18 anos. Ingenuamente, chegamos a pensar que os militares não sabiam o que estava acontecendo e podiam investigar. No final dos anos 90, Mónica, uma amiga de Jorge a quem eu não conhecia, me ligou e disse que ela tinha buscado um grupo de Direitos Humanos para obter informações sobre Jorge, e eles passaram meu telefone. Marcamos um encontro na casa dela e com isso teve início uma nova busca: conhecer mais sobre meu irmão através dos amigos e colegas dele.

Mónica confirmou que Jorge sempre militou pela JSA-PST. Na época eu cursava licenciatura em história pela Universidade “Tres de Febrero” e havia escolhido a Juventude Socialista Avançada como tópico para minha tese, por

12. Hoje Escola de Educação Secundária Técnica N° 2 do distrito de General San Martín.

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

isso visitei uma das sedes do Movimento ao Socialismo (Movimiento al Socialismo - MAS)<sup>(13)</sup> que tinha uma biblioteca anexa. Lá tive a oportunidade de conhecer Ernesto González, um dos primeiros dirigentes do partido e Nora Ciapponi, que havia sido candidata a vice-presidência em 1973 pelo PST.<sup>(14)</sup> Ambos me ajudaram a localizar os companheiros de militância de meu irmão, e até hoje mantenho contato com muitos deles. Por muito tempo ficamos sem saber o que havia acontecido com Jorge depois de seu sequestro, até que em 2006 Eduardo Cagnolo<sup>(15)</sup> - um sobrevivente do Centro Clandestino de Detenção, Tortura e Extermínio instalado no Campo de Maio - testemunhou perante a Associação de Ex-Detentos Desaparecidos (Asociación de ExDetenidos Desaparecidos - AEDD) e a Secretária de Direitos Humanos da Nação; durante esse depoimento, Cagnolo mencionou ter visto um jovem com traços orientais nos chuveiros. Enviei uma foto de meu irmão para Cagnolo, e ele o reconheceu sem hesitar. Com essa informação em mãos, pudemos nos apresentar como queixosos (Caso N° 216) perante os tribunais federais de San Martín, na mega causa do Campo de Maio (causa 4012); na causa de Jorge estão sendo processados Santiago Omar Riveros, ex-Comandante de Institutos Militares, e Rodolfo Emilio Feroglio, que trabalhava como diretor na Escola de Cavalaria de Campo de Maio. Há pouco tempo atrás, no dia 28 de agosto de 2015, foi realizado um ato de “reparação histórica” na Escola Técnica Alemanha, onde a Diretora Geral de Educação e Cultura da Província de Buenos Aires, Dra. Nora De Lucía nos entregou uma cópia da resolução 1624/15 através da qual foi possível adicionar ao histórico escolar de Jorge a informação de que seu desaparecimento fora forçado, e não espontâneo como o status anterior dava a

atender. Nesse momento recebemos também o diploma e medalha de formando, iguais as que os colegas de Jorge receberam no momento de sua formatura, uma vez que seu sequestro ocorreu poucas semanas de ele terminar o ensino médio.



Elsa Oshiro falando no ato. À direita sua irmã Silvia; à esquerda o Ministro da Educação Alberto Sileoni; a Diretora Geral da Educação e Cultura da Província de Buenos Aires, Dra. Nora De Lucía e o Secretário de Direitos Humanos da Província de Buenos Aires, Guido Carlotto.

**CARLOS EDUARDO ISHIKAWA:** Era o único filho do matrimônio de Shinyei Ishikawa e Victoria Mayeyoshimoto, argentina de origem japonesa, que faleceu em 1968 quando Carlos tinha 17 anos.

Carlos era um grande esportista e torcedor do “Estudiantes de La Plata”. Ele estudou no colégio São Luis dos Irmãos Maristas, em La Plata. Começou a Faculdade de Medicina, mas suas inquietações pessoais acabaram o levando para o curso de jornalismo. Segundo um familiar, talvez nesse momento seu interesse pela política tenha começado.

Segundo relato de seu primo, Marcelo Mitsuoka, no folheto “Dezessete Histórias Entre Trinta Mil. Os Desaparecidos da Comunidade Japonesa na Argentina” (Diecisiete historias entre treinta mil. Los desaparecidos de la Colectividad Japonesa en la Argentina)<sup>(16)</sup>, Carlos tinha discussões acaloradas com seu pai a respeito de sua militância, e costumava visitar bairros humildes para realizar trabalhos

13. O movimento ao Socialismo foi criado em 1982 por dirigentes do Partido Socialista dos Trabalhadores, que se encontrava proibido desde 1976.

14. A fórmula foi Juan Carlos Coral e Nora Ciapponi.

15. Ver Cagnolo, Eduardo, Recuerdos de un soldado conscripto. En: Sísifo. La revista del Centro de Estudios Sociales y Sindicales, Año 2 N° 2, Diciembre de 2012.

16. Este cuadernillo es una actualización en 2011 del documento “Desaparecidos de la Colectividad Japonesa”, que elaboramos los familiares para presentar en II Semana del Japón en La Plata.

de caridade.

Jogava rugby e foi treinador das divisões de base do clube San Luís de La Plata.

No dia 14 de fevereiro de 1977 foi sequestrado com um familiar que tinha acabado de chegar do Japão - como esse familiar não falava espanhol, os sequestradores o libertaram dois dias depois. No Julgamento Pela Verdade há testemunhos de sobreviventes que se lembravam do caso.

“Na semana seguinte ao sequestro, os repressores voltaram à sua casa com um pequeno caminhão e esvaziaram seu quarto. Eles tentaram até mesmo levar o Peugeot 504 novinho que estava na garagem. O pai de Carlos implorou pela vida do filho, um dos repressores derrama algumas lágrimas, mas ninguém respondeu nada<sup>(17)</sup>”.

**NORMA INÉS MATSUYAMA:** Nascida no dia 4 de janeiro de 1958, formou-se no ensino médio em 1976, no Colégio Nacional Buenos Aires. Norma militava na União de Estudantes Secundários (Unión de Estudiantes Secundarios - UES).

Em abril de 1977 um grupo de tarefas foi à casa dos pais de Norma, Haruaki Matsuyama e Angélica Goyeneche, em busca da jovem, mas como não a encontraram, levaram seus pais para um interrogatório a respeito de seu paradeiro. Haruaki foi libertado primeiro e Angélica foi submetida à tortura, quando finalmente foi liberada, seus familiares não sabiam como contar-lhe o que havia acontecido com sua filha.

Norma Inês tinha 19 anos e estava nos últimos meses de uma gravidez, quando foi assassinada juntamente com seu companheiro Eduardo Gabriel Testa<sup>(18)</sup> e Adriana Gatti Casal (grávida de sete meses), durante um grande operativo que ocorreu em sua casa, na Rua Nova York, nº2825 no bairro Vila Devoto, em Buenos

Aires, no dia 8 de abril de 1977.

Forças policiais, do corpo de bombeiros, da Força Aérea Argentina e do exército, utilizaram helicópteros, refletores, tanques e carros com canhões de água para sitiá-la casa onde os três jovens estavam. Segundo denúncia perante CONADEP, “ali morreram os três jovens. Mesmo quando uma das mulheres, segundo relato dos vizinhos, saiu com os braços para o alto, foi imediatamente abatida, a outra jovem (Adriana), ficou gravemente ferida e faleceu duas horas depois<sup>(19)</sup>”.

Haruaki faleceu dia 8 de outubro de 2007. Angélica continua em contato com o grupo e participa das atividades à medida que sua saúde o permite.

**LUIS ESTEBAN MATSUYAMA:** “Mãe, eu sendo filho de japoneses, posso ser presidente da República? ”, Luis Matsuyama tinha apenas sete anos e já se interessava pela vida política da Argentina, o país que seu pai tinha escolhido para viver ao fugir da miséria que vivia no Japão, depois da Primeira Guerra Mundial. Dezesete anos depois de ouvir essa pergunta de seu filho, Angélica Goyeneche andava pelos fóruns e delegacias buscando saber para onde os militares o haviam levado<sup>(20)</sup>”.

Luis nasceu o 26 de setembro de 1953. Completou o ensino médio na Escola Industrial Engenheiro Huergo, onde se formou também como técnico e mestre de obras; depois continuou estudando arquitetura, dessa vez na Universidade Nacional de Buenos Aires (UBA), mas não chegou a concluir o ensino superior. Nessa época Luis vivia com sua companheira Patricia Oliver, ambos foram sequestrados no dia 11 de abril de 1977, em sua casa na Avenida Corrientes 5800, no bairro de Vila Crespo em Buenos Aires.

Segundo relato de sobreviventes, Luis foi mantido em cativeiro no ex-centro Clandestino

17. Familiares de Desaparecidos de la Colectividad Japonesa (FDCJ), “Diecisiete historias entre treinta mil. Los Desaparecidos de la Colectividad Japonesa”. 2011

18. Eduardo fue responsable de la UES en la Escuela Superior de Comercio “Carlos Pellegrini”.

19. Archivo Nacional de la Memoria. Legajo N° 07616. Citado en: [sdh.gub.uy/wps/wcm/.../sdh/.../GATTI+CASAL+Adriana.pdf](http://sdh.gub.uy/wps/wcm/.../sdh/.../GATTI+CASAL+Adriana.pdf)

20. <http://www.pagina12.com.ar/1998/98-12/98-12-03/pag04.htm>



## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

de Detentos, Torturas e Extermínio Escola de Mecânica da Armada, onde foram submetidos a condições inumadas de vida e interrogados pelo prefeito Héctor Febres<sup>(21)</sup>. As testemunhas afirmam que Luis foi levado com sua esposa.

OSCAR TAKASHI OSHIRO: Era advogado trabalhista e tinha dupla nacionalidade (argentina e japonesa). Morava no bairro portenho de Nueva Pompeya. Oscar era casado com Eduviges Bressolin (Beba) com quem teve dois filhos, Gabriela e Leonardo.<sup>(22)</sup>

“Desde sua adolescência Oscar militou na Federação Juvenil Comunista (FJC) chegando a ser Secretário Geral de Pompeya. Depois do rompimento no Partido Comunista (PC), passou a militar no Partido Comunista Revolucionário (PCR) do qual havia se afastado no momento de seu desaparecimento<sup>(23)</sup>.”

Em 1975 sofreu um atentado por parte da Tríplice A e procurou asilo na embaixada do México, “... havia solicitado e obtido salvo-conduto, o que permitia que ele se exilasse no país irmão, no entanto um habeas corpus outorgado por um juiz de La Plata e a má avaliação da situação política do país, fizeram com que ele permanecesse na Argentina e continuasse exercendo sua profissão<sup>(24)</sup>.”

Em meados dos anos 70, Oscar e seu sócio Gastón Courtade estavam trabalhando na defesa de centenas de trabalhadores de uma empresa da família Martínez de Hoz.

No dia 21 de abril de 1977, ambos foram sequestrados em seu escritório em Avellaneda, na Província de Buenos Aires.

Depois do desaparecimento de Oscar, sua esposa Beba iniciou trâmites perante a Embaixada da Itália, uma vez que ela tinha ascendência dessa origem. Caso Oscar aparecesse, eles pediriam asilo a esse país.

Sabe-se que Oscar e Courtade estiveram presos em CCDTyE, conhecido como O Vesúvio

(El Vesubio), que funcionava entre a rodovia Ricchieri e a Rota Quatro (Caminho de Cintura).

Infelizmente, em 1986 Beba e seus filhos partiram para a Itália, sem Oscar, quando parecia que o caso ficaria impune.

Em setembro de 1987, a família sofreu um acidente de carro, que produziu uma fratura na bacia de Beba, pouco tempo depois ela adoeceu e não se recuperou mais. Em 1993 voltou para a Argentina com os filhos e no dia 28 de fevereiro faleceu.

AMELIA ANA HIGA: Nasceu no dia 2 de junho de 1947, em Necochea, Província de Buenos Aires. Ana era a mais velha de três irmãos - Marta, sua irmã caçula, faleceu ainda durante a infância e Luis Omar, seu irmão do meio, faleceu em 1993 em um acidente de carro com sua esposa Yukie.

Cursou o ensino médio na Escola N° 2, no bairro de Caballito e depois começou a estudar na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Buenos Aires, porém não chegou a concluir o curso.

Militava no Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), juntamente a Jorge Name, seu namorado, que foi sequestrado no dia 16 de março de 1975, em Hurlingham na Província de Buenos Aires. Esse acontecimento a afetou profundamente. Seus companheiros de militância a conheciam como “Norma”, “A Japonesa” ou “Susana”.

Em maio de 1977, foi sequestrada por pessoas fortemente armadas, juntamente com o casal Mabel Noemí Fernández y Horacio Kofman, na sua casa na região de Lomas de Zamora, Província de Buenos Aires.

“A polícia já estava dando voltas pelo bairro e fazendo perguntas, entre elas perguntavam se havia uma garota... Não diziam com traços japoneses, mas sim puxavam os olhos

21. González Bazán, Elena Luz. Derechos Humanos, Villa Crespo Los Detenidos – Desaparecidos – Asesinados. La nómina y el dolor. Disponível em <http://www.argenpress.info/2010/03/represion-en-argentina-villa-crespo.html>

22. Atualmente Gabriela vive nos Estados Unidos, a pouco tempo decidiu publicar um blog, onde fala sobre seu pai: <http://goshiro.blogspot.com>

23. <http://proyectoaparecidos.blogspot.com.ar/p/oscar-oshiro.html>

24. [http://pompeyanoolvida.blogspot.com.ar/p/blog-page\\_27.html](http://pompeyanoolvida.blogspot.com.ar/p/blog-page_27.html)

bruscamente<sup>(25)</sup>.

Segundo relatos de uma sobrevivente, Amelia foi levada ao CCDTyE, que funcionava nas instalações do Campo de Maio, e de lá ao Vesúvio, onde foi vista entre o fim de maio e o começo de junho.

“Na época ela tinha cabelo muito comprido (...). Sempre sofria com dores nas pernas, que ficavam inchadas, tinham varizes ou algo do gênero” conta Graciela. “Em junho ou julho de 1977 ela estava muito mal, e uma injeção que lhe foi aplicada a deixou com septicemia. Nunca a viu lúcida, nunca a viu com os olhos abertos, somente a viu queixando-se das dores e a testemunha disse que nunca vai se esquecer dos gemidos dela, pois eram muito fortes; eram gemidos de uma doença, não de torturas<sup>(26)</sup>”.

JUAN CARLOS HIGA: Nascido no dia 26 de junho de 1947, em Adrogué, Província de Buenos Aires. Era o caçula de seis irmãos. Quando tinha cinco anos sua família mudou-se para Nueva Pompeya.

Cursou o ensino médio no colégio “Mariano Acosta”, onde se preparava para seguir a carreira de docente até que foi informado que não poderia exercer essa profissão segundo a norma vigente da época, pois ele tinha uma perna mais curta que a outra –sequela da poliomielite com a qual sofreu durante a infância.

Estudou Letras e Sociologia na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidad Nacional de Buenos Aires. Trabalhou como jornalista profissional no jornal da colônia japonesa na Argentina, o Akoku Nippo, onde era responsável pela seção em espanhol. Além disso, era colaborador no jornal La Plata Hochi e na revista literária Amaru.

Em maio de 1973 foi preso durante um operativo militar na região de Avellaneda, acusado portar “conteúdo literário suspeito” e assim violar a lei 20.84/74, que estabelecia penalidades a “atividades subversivas”. Esteve desaparecido durante dois dias, até que foi

25. Ardouin, Diego. Op. Cit.

26. Idem

27. <http://poetassigloveintiuno.blogspot.com.ar/2014/11/juan-carlos-higa-13960.html>

localizado em uma delegacia municipal; ficou preso durante dois meses na penitenciária de Olmos e Logo até que o caso foi arquivado.

Talvez por ter sido solto, Higa não seguiu o conselho de amigos e familiares, que diziam que ele deveria deixar o país, assim que o golpe de março de 1976 ocorreu.

No dia 17 de maio de 1977, cerca de dois anos depois de ter sido preso pela primeira vez, um grupo de pessoas armadas invadiu sua casa (Agaces 270, no bairro de Nueva Pompeya) através do telhado, e abriu a porta para a entrada de mais pessoas. Uma vez dentro da casa, o grupo rendeu a mãe e uma das irmãs de Higa (Carmen) e revirou a casa, roubando objetos de valor e sempre procedendo com violência contra as mulheres.

Durante esse operativo, María Antonia (Mary), outra irmã, chegou a casa e, pensando se tratar de um assalto, saiu novamente e foi para a casa de um vizinho, onde chamou a polícia, porém ninguém apareceu.

O grupo permaneceu na casa durante horas - estima-se que até as 2 horas da manhã do dia 18 de maio.

“Eu cheguei no dia seguinte e tudo estava um caos. Eles roubaram, atiraram objetos no piso, esvaziaram e sujaram a geladeira, e até mesmo defecaram no chão. Nunca mais soubemos de Juan Carlos, minha mãe começou a ficar cada vez mais doente, mas ainda queria viver pois esperava por ele, ela dizia que um dia ele iria voltar. Minha irmã María “Mary” Antonia foi a que mais se engajou na luta, ela visitou diversos escritórios e instituições. Depois se uniu a “Marcha de las Madres” (Passeata das Mães da Praça de Maio) e ajudou a reunir 14 famílias da comunidade japonesa, que tiveram familiares desaparecidos. Naquele momento a Embaixada do Japão não escutou nossas reivindicações.

Soube-se também que o jornal para o qual Juan trabalhava, o Akoku Nippo, se negou a publicar qualquer notícia referente ao desaparecimento de pessoas<sup>(27)</sup>”.

Alguns anos mais tarde soube-se que Juan

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

esteve preso no CCDTyE “Clube Atlético”, pelo menos entre os dias 25 e 31 de maio de 1977, segundo depoimento do sobrevivente Pablo Rieznik, falecido recentemente, que notou a tortura infligida a Juan em, pelo menos, duas ocasiões.

Mary se uniu a Catalina “Cata” Guagnini, dos Familiares de Desaparecidos e Detidos por Razões Políticas, cujo filho também era jornalista e estava desaparecido. Ela se apresentou como queixosa na causa pelo desaparecimento forçado de seu irmão, mas as “leis de impunidade” terminaram por frustrar seus anseios por justiça. Faleceu no dia 15 de março de 2001. Alguns anos depois, em 2003, a Suprema Corte votou pela anulação das “leis de impunidade” e em 2005 elas foram definidas como inconstitucionais, com isso as causas penais suspensas em 1986 foram reabertas.

Carmen, a irmã que presenciou o sequestro de Juan Carlos, deu continuidade aos trabalhos de Mary, mas infelizmente faleceu em julho de 2005. Em outubro de 2009, Ana foi escolhida para depor no Tribunal Federal Nº 5, onde se realizou o julgamento de Jorge Olivera Rovere e chefes de área, por crimes contra a humanidade, cometidos na órbita do Primeiro Corpo do Exército.

Nessa ocasião, o júri condenou Jorge Olivera Róvere e Bernardo José Menéndez, a prisão perpetua, mas absolveu Teófilo Saa, Humberto Lobaiza e Felipe Alespeiti, falhas que significaram um retrocesso na luta por verdade e justiça.

**JUAN TAKARA:** Juan nasceu no dia 9 de junho de 1944. Era o sétimo filho dos treze que tiveram seus pais Seishun Takara e Kamena Higa. Foi criado no bairro portenho de Caballito, entre as ruas Neuquén e Martín de Gainza.

Em 1957 sua família se mudou para Marcos Paz, na Província de Buenos Aires. Apesar da distância que se encontrava de seu antigo bairro, Juan viajava todos os dias para Caballito para concluir seus estudos na Escola de Comércio Hipólito Vieytes.

Deu continuidade a seus estudos na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Nacional de Buenos Aires, onde se formou em

1969.

Em janeiro de 1974 casou-se com Norma Alba. Eles seguiam vivendo em Marcos Paz, onde militavam com a Juventude Peronista (Juventud Peronista - JP) e realizavam trabalhos de base. Em setembro de 1976 tiveram uma filha, Kamena.

Foi professor em um colégio de San Antonio de Padua e trabalhou como inspetor da DGI (Dirección General Impositiva) até que na madrugada de sábado 18 de junho de 1977, foi sequestrado em sua casa. Tinha 33 anos e desde aquela madrugada não se soube mais dele.

**JUAN ALBERTO ASATO:** Nasceu em Buenos Aires, no dia 13 de maio de 1949. Era o segundo filho dos quatro que tiveram o casal Choshun Asato e Lucrecia Copello.

Começou o ensino fundamental na Escola Carlos Pellegrini, na Capital Federal e o terminou na Escola Cruce de Florencio Varela, pois sua família se mudou para Quilmes, na Província de Buenos Aires.

Estudou até o terceiro ano do ensino médio durante a manhã no Colégio Nacional de sua região, depois se transferiu para o período noturno e pouco tempo depois abandonou os estudos. Aos dezoito anos casou-se com Martha Llanos, com quem teve duas filhas, Verónica e Patricia. A família vivia em Ranelagh, na Província de Buenos Aires. Juan trabalhava como operário na fábrica Ducilo e foi eleito o representante dos funcionários por seus colegas.

Pouco antes do nascimento de sua segunda filha, Juan se separou de sua esposa e voltou para a casa dos pais, em Quilmes, onde viviam seu pai e Júlio, seu irmão mais novo, uma vez que sua mãe havia falecido, seu irmão Carlos havia ido morar em Buenos Aires para estudar e sua irmã havia se casado.

No dia 12 de julho de 1977 foi sequestrado por um grupo de tarefas. Supõe-se que o motivo tenha sido sua militância em grêmios. A família recebeu a informação que, possivelmente, ele tenha sido mandado para o Centro Clandestino “Poço de Banfield”, no entanto não há notícias concretas quanto ao seu paradeiro.

No documentário “Silêncio Quebrado 16 ni-



kkeis”<sup>(28)</sup>, sua filha mais velha Vicky conta que o pai visitou a família pouco tempo antes de ser sequestrado, nessa ocasião os dois conversaram bastante e depois ela compreendeu que o ele havia ido até lá para se despedir.

**RICARDO DAKUYAKU:** Nasceu no dia 5 de maio de 1954, na cidade de La Plata, na época conhecida como Cidade Eva Perón. Coursou o ensino fundamental e médio no Colégio San Luis da congregação Marista, assim como Carlos Ishikawa. Depois se inscreveu na Faculdade de Arquitetura, na Universidade Nacional de La Plata.

Chegou a jogar na primeira divisão com a equipe de rugby do clube San Luis de La Plata, apesar de ter um porte físico pequeno. “Ele ocupava a posição de media scrum, algo como o estrategista do time, e arrancava elogios até mesmo do time rival. Por exemplo, jogando um clássico contra o La Plata Rugby, a torcida chegou a cantar: à lata/ ao lateiro/ La Plata está dançando/ Com a batida do tintureiro (a la lata/ al latero/ La Plata está bailando/ al compás del tintorero). Em 1975 teve a oportunidade de viajar a Europa jogando pelo San Luis. Tanto no clube, quanto no bairro ou na escola ele era muito apreciado”<sup>(29)</sup>.

Foi sequestrado na noite do dia 6 de dezembro de 1977, quando pessoas fortemente armadas invadiram sua casa, na rua 44, esquina oito. Uma semana depois houve outra invasão, dessa vez o grupo se dirigiu a tinturaria, anexa a casa. Lá abriram uma das máquinas e de dentro dela levaram alguns livros e um mimeógrafo.

Algum tempo depois, uma pessoa disse a mãe de Ricardo que ela não deveria se preocupar, pois ele estava em um lugar onde poderia se reabilitar.

No dia 27 de setembro de 2000, sua irmã Elena declarou perante a Câmara Federal de La Plata,

no Julgamento pela Verdade, que ela havia sido informada que Ricardo faleceu em decorrência de meningite, no lugar onde era mantido prisioneiro<sup>(30)</sup>.

Em investigações posteriores, foi descoberto que o sequestro de Ricardo estava relacionado com a queda dos militantes do Partido Comunista Marxista Leninista (PCML), que ocorreu entre o fim de 1977 e o começo de 1978, e que ele esteve preso no Batalhão 601 de City Bell e depois no CCDTyE “El Banco”, localizado entre a rodovia Ricchieri e o Caminho de Cintura.

Sua mãe, Yoshi Kaneshiro, nascida em Okinawa no Japão, em 1925, chegou à Argentina deixando para trás um passado doloroso: durante a Segunda Guerra Mundial, perdeu sua primeira filha e seu primeiro marido, que estava na frente de batalha, nunca retornou ao lar, era um desaparecido da guerra. Yoshi nunca poderia imaginar que todo o esforço que teve para retomar sua vida, com um novo marido e três filhos, seria interrompido tão drasticamente.

**CARLOS HORACIO GUSHIKEN:** Nasceu no dia 25 de agosto de 1956, era o terceiro filho de quatro irmãs. Estudou no colégio Santa Lucía, em Florencio Varela - nessa instituição, dirigida pelo professor Modesto Evaristo “Tino” Rodríguez, houveram dez casos conhecidos de desaparecimentos<sup>(31)</sup>. Não quis trabalhar na horta da família, discutia com seu pai, pedia a ele que melhorasse as condições de trabalho de seus funcionários - “você não pode tratar eles como escravos” lhe dizia - e escolheu trabalhar como operário em uma fábrica da Rigolleau, em Berazategui.

Sua irmã Amelia conta que as pessoas comentavam “pobre Gushiken, tem um filho comunista e não sabe”<sup>(32)</sup>.

28. Documentário Silêncio Quebrado. 16 Nikkeis”, dirigido de Pablo Moyano, com produção de Karina Graziano. Estreio no dia 26 de março de 2015. <https://vimeo.com/112433280>

29. FDCJ: Op. Cit

30. Atualmente essa informação está sendo revista. Ver em Júlio Eduardo Gushiken.

31. Para mais informações sobre os ex-alunos desaparecidos desse estabelecimento ver: Britez, Rafael e Néstor Denza, “Los pibes del Santa: Represión estudiantil en Florencio Varela, Ediciones Especiales, Universidad Nacional de Quilmes”, 2012.

32. Relatado no documentário “Silêncio Quebrado. 16 nikkeis”.

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

Deixou sua casa e via sua família em visitas previamente arranjadas. O último contato que tiveram foi em fevereiro de 1978, quando sua irmã mais velha o encontrou em um bar de Buenos Aires, para que ele pudesse conhecer sua sobrinha, que tinha nascido há pouco tempo.

A família não soube mais nada de Carlos até meados de 2002, quando uma investigação da Equipe Argentina de Antropologia Forense descobriu que nos arquivos policiais havia a informação que em 1978, em Barranca de Los Lobos, Mar del Plata, foram encontrados três corpos - sendo que um deles tinha traços orientais. Esses corpos haviam sido enterrados como indigentes no cemitério local.

Os restos mortais foram entregues a família no ano seguinte. Celeste Higa, sobrinha de Carlos, falou a respeito do ocorrido “todos pudemos chorar sua morte e pudemos, de alguma maneira, experimentar o luto devidamente. Saber as circunstâncias de sua morte, não elimina a dor dessa perda, mas pelo menos acaba com as incertezas, gerando uma sensação de calma, apesar da dor. Pelo menos é a leitura que eu pude fazer durante a missa em sua memória, quando vi as lágrimas de minha mãe e meus tios se abraçando. Eram lágrimas de dor, mas também de alívio<sup>(33)</sup>”.

**JULIO EDUARDO GUSHIKEN:** Nasceu no dia 9 de julho de 1956, era o quarto de seis irmãos. Cursou o ensino fundamental na Escola N° 5, Guillermo E. Hudson no bairro Villa San Luis, na zona rural de Florencio Varela, e no ensino médio foi para o Instituto Santa Lucía, na mesma região.

Começou a estudar jornalismo na Universidade Nacional de La Plata (UNLP), porém não chegou a concluir o curso.

Em novembro de 1977 visitou sua família pela última vez, em Florencio Varela, alguns dias antes de sua irmã completar 15 anos, a partir desse momento começou a reunir esporadicamente com seus familiares em

lugares previamente definidos.

Trabalhou como empregado na área têxtil. Militou no PCML (Partido Comunista Marxista Leninista), assim como Carlos Horácio Gushiken, de quem não era parente apesar de ter o mesmo sobrenome e terem estudado no mesmo colégio. Além disso, assim como Carlos, Júlio foi visto pela última vez por seus familiares no mês de fevereiro de 1978.

A família de Júlio não entrou com pedido de habeas corpus, porque o advogado deles assim o sugeriu; o argumento para tal decisão, segundo o advogado, era que não se sabia se Júlio estava vivo, e como ele vivia na clandestinidade, poderia ser prejudicado. A esperança era de que o jovem tinha fugido do país ou que estava escondido em algum lugar.

“Com o passar do tempo você começa a imaginar que provavelmente já o assassinaram. Então encontrar os restos mortais, de certa forma pode encerrar uma parte de todo esse processo”, disse seu irmão Hugo Gushiken em uma entrevista realizada em 2011. “Pode-se fazer o luto definitivo, isso sim é uma tranquilidade, mas dentro dos costumes japoneses, aos restos mortais presta-se uma homenagem, um respeito, no entanto se eles estiverem desaparecidos, não é possível fazer isso<sup>(34)</sup>”.

O que Hugo não sabia na época era que alguns anos depois, em 2015, sua família poderia suprir esse anseio, quando os restos mortais de Júlio foram encontrados e identificados pela Equipe Argentina de Antropologia Forense. Eles foram encontrados no prédio que abrigava o CCDTyE “El Banco”, localizado a 200 metros do cruzamento da rodovia Ricchieri com o Caminho de Cintura (Ponte 12), no município de Matanza - que atualmente funciona como sede da XI Brigada Feminina da Polícia da Província de Buenos Aires. A equipe chegou aos corpos com base na declaração de uma testemunha, que em 2014 afirmou que entre os anos de 1977 e 1978 próximo ao CCDTyE havia um poço, onde sempre “estavam queimando

33. Watanabe, Melisa, “Huellas en la Memoria: Jorge Eduardo Oshiro y Horacio Gushiken. Entrevista a Elsa Oshiro y Celeste Higa”. Disponible en <https://aprendizperegrinante.wordpress.com/2012/05/23/huellas-en-la-memoria-jorge-eduardo-oshiro-y-horacio-gushiken-entrevista-a-elsa-oshiro-y-celeste-higa/>

34. Ardouin, Diego, op. cit

alguma coisa”, que ocultavam com pneus de carro e que exalava um cheiro forte.

Entre agosto de 2014 e março de 2015, foram realizadas as escavações, onde foram encontradas apenas a patela esquerda e uma parte do esterno de uma mesma pessoa - o restante era apenas cinzas - esses ossos não foram suficientes para declarar a causa da morte, porém serviram para a coleta de DNA, que por sua vez permitiu a comparação com as amostras de familiares que estavam na sede da EAAF. Através desses estudos genéticos foi possível comprovar que esses ossos pertenciam a Júlio Eduardo Gushiken.

O juiz responsável pelo caso, Daniel Rafecas, fixou o dia 28 de abril de 1978 como provável data de falecimento; tendo como base a possível data de seu desaparecimento, denunciada por sua família perante CONADEP, e o testemunho dos sobreviventes Horácio Guillermo Cid de la Paz e Oscar Alfredo González, citados no informe da Anistia Internacional de 1980, que declararam que no “El Banco” esteve preso um japonês que fora sequestrado no dia 23 de fevereiro de 1978 e que morreu de tuberculose e meningite no final de abril do mesmo ano.

No dia 15 de setembro de 2015, seus irmãos Mirta e Hugo receberam seus restos mortais e celebraram uma missa na Paróquia San Juan Bautista, de Florencio Varela, no dia 20 de setembro para compartilhar com familiares, amigos e companheiros esse acontecimento tão esperado.



Victoria K. de Gushiken, com seus filhos Hugo e Mirta (mãe e irmãos de Júlio Eduardo)

JORGE NAKAMURA: Era o quinto e último filho do casal Emilia e Hohei Nakamura. Começou o ensino médio no Colégio Nacional de Buenos Aires, mas o completou no Colégio San Miguel, no distrito de General Sarmiento, Província de Buenos Aires. Ingressou na Faculdade de Engenharia da Universidade Nacional de Buenos Aires, mas abandonou os estudos para trabalhar em diferentes fábricas como eletricitista. Tornou-se parte do proletariado, como costumavam fazer os militantes de esquerda naquele momento. Nakamura pertencia ao Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Partido Revolucionario de los Trabajadores - PRT). Viveu durante algum tempo em Buenos Aires, mas logo se mudou para José León Suárez, no distrito de General San Martín, na Província de Buenos Aires.

No dia 7 de maio de 1978 não compareceu a um restaurante para almoçar com seus pais, como havia combinado um dia antes por telefone. Preocupados com sua ausência, e pensando que talvez ele tivesse adoecido, o casal Nakamura foi à pensão onde ele morava. Jorge não estava. A responsável pelo local informou que ele havia saído sábado à tarde e não voltará. Puderam entrar em seu quarto e lá encontraram um balde com roupas de molho, o que indicava que provavelmente ele pensava em voltar em pouco tempo.

Sua mãe sabia que ele iria se encontrar com uma moça, Cristina Giachetti, na Praça Congresso. Pouco tempo depois soubesse que essa moça também havia desaparecido no mesmo dia.

Foram realizadas diferentes requisições para conhecer seu paradeiro: a Nunciatura Apostólica, ao presidente da Conferência Episcopal Argentina (Cardeal Primatesta), recursos de Habeas Corpus, a Embaixada do Japão, a contatos de diferentes áreas, a Polícia Federal, a Polícia da Província de Buenos Aires, ao Ministro do Interior, ao Ministro da Defesa e ao Comando do Exército<sup>(35)</sup>.

Sua mãe participou de reuniões do grupo de Familiares de Desaparecidos Japoneses em busca de mais informações. Seu pai faleceu em

35. FDCJ, Op.

## OS DESAPARECIDOS DA COMUNIDADE JAPONESA NA ARGENTINA

1983, no dia exato em que completavam cinco anos desde o desaparecimento de Jorge.

Cabe mencionar que a família Nakamura foi proeminente entre os membros da diáspora japonesa. Depois da Segunda Guerra Mundial, o Imperador do Japão condecorou Shigeru Takaichi, o avô de Jorge Nakamura, com a Ordem do Sol Nascente de Quinta Classe, uma das condecorações mais prestigiadas do Japão. Takaichi se distinguiu pelos serviços prestados aos japoneses que fugiram do caos e da fome do Japão pós-guerra, imigrando para a Argentina. Em uma das poucas fotos que Norma tem de seu irmão, Jorge aparece ainda criança ao lado da Princesa Michiko, durante sua visita a Argentina em 1967, juntamente com seu esposo, o príncipe herdeiro Akihito.

Esses feitos não pareceram relevantes para os funcionários da Embaixada do Japão, quando Norma Nakamura e sua família exigiram justiça depois do fim da ditadura. ‘Meus pais enviaram uma carta para a Embaixada, solicitando ajuda para ver de que forma poderiam colaborar na busca do meu irmãozinho’, disse Norma<sup>(36)</sup>.

## OS SOBREVIVENTES

JORGE MAEDA: Entre o fim da ditadura e o começo do governo de Raúl Alfonsín, os presos políticos recuperaram a liberdade. Entre eles estava Jorge Maeda, com quem Mary Higa pode entrar em contato e convidar a uma reunião dos familiares. Lamento não ter feito anotações ou gravado seu depoimento, pois depois disso perdemos contato com ele. A última informação que tivemos era que ele havia viajado ao exterior - não me lembro se ao Brasil ou ao Japão. Jorge ficou preso durante oito anos, além de permanecer sete dias sob a condição de desaparecido.

Nesse encontro nos contou sobre seus dias na prisão. Não falou muito sobre os castigos, mas sim das conversas que teve com seus

companheiros, do ele os ensinava e do que aprendia com eles.

Um conhecido advogado, Carlos Slepoooy, me contou que Jorge aprendeu a jogar xadrez na cadeia e logo estava ganhando partidas contra um jogador experiente, que assim como ele militava no PRT. Muitos dos que estiveram detidos na penitenciária de La Plata se lembram desse acontecimento.

MICHIKO SHIMABUKURO: Em 2013 recebi a ligação de uma mulher que me contou que havia sido sequestrada no dia 29 de agosto de 1978, e permaneceu algumas semanas presa em um lugar que depois ela soube se tratar do CCDTyE “El Olimpo”. Ela foi a Embaixada do Japão realizar procedimento e lá a informaram o meu número. Tratava-se de Michiko Shimabukuro, que foi levada de sua casa, juntamente com seu esposo na época, deixando para trás seu filho de dez meses, que ficou aos cuidados do irmão de Michiko.

Coloquei a ela em contato com outra ex-detenta do mesmo Centro de Detenção e juntas elas puderam levantar informações sobre outros detentos e repressores, tais como “Colores” e “El Turco Julián”. Para ela foi muito importante poder conversar sobre algo que manteve em silêncio por tanto tempo.

JUAN CARLOS ASATO: Foi detido em duas ocasiões. A primeira no dia 23 de março de 1976, até a madrugada do dia 24 do mesmo mês; a segunda vez ocorreu às 7 horas da manhã do dia 24 ou 25 de junho de 1976, dessa vez ele foi levado ao Departamento de Informações Policiais (Departamento de Informaciones Policiales - DIP), de Santiago del Estero, com as mãos algemadas e os olhos vendados.

Lá ele foi torturado a fim de revelar informações sobre os militantes do PRT, seus locais de reunião etc., depois de uma semana foi levado a penitenciária masculina de Santiago del Estero<sup>(37)</sup>. No final de 1976 o levarão de

36. Ardouin, Diego, Op. Cit.

37. Causa: “Acuña, Felipe s/ violación de domicilio, privación ilegal de la libertad, torturas, etc.-imputados:Musa Azar y otros (acumulado, causa: “Carrizo, Consolación y otros s/d. de privación ilegítima de libertad, etc.-imputado: Musa Azar)- expte. 8311044/ 12”.- <http://www.bc-consultores.com.ar/articulos/fallos/Difunden-fundamentos-del-fallo-que-condeno-a-prision-perpetua-a-Musa-Azar-por-delitos-de-lesa-humanidad.pdf>

avião para a penitenciária de La Plata, onde permaneceu até sua libertação em setembro de 1980.

“Ao voltar para Santiago não pode retomar ao seu emprego no Banco Comercial del Norte, tampouco pode receber um certificado que comprovasse que ele havia trabalhado lá. Continuou sendo objeto de perseguição e monitoramento, juntamente com sua namorada, que viria a ser sua esposa<sup>(38)</sup>”.

Um amigo meu disse que em Baradero há um nikkei, cujo sobrenome é Hokama, e que também esteve detido, porém ainda não conseguimos entrar em contato com ele.

### OS REPRESSORES

Na década de 60 muitos descendentes de japoneses radicados na Argentina tiveram acesso à educação de diferentes níveis e modalidades, alguns deles escolheram se unir às forças armadas e de segurança.

No entanto, são poucos os denunciados por crimes contra a humanidade. Até o momento estão registrados apenas três casos:

**ERNESTO HUGO KISHIMOTO:** Foi detido pela Polícia de Segurança Aeroportuária (PSA) no dia 4 de junho de 2008 no aeroporto de Posadas. Era tenente coronel aposentado e tinha mandado de prisão pela Justiça Federal de Formosa desde 2007 por delitos cometidos no Regimento de Infantaria de Monte 29 durante a ditadura. Kishimoto foi identificado em vários sequestros.

Foi processado e em 2013 condenado a sete anos de prisão, sendo desqualificado a assumir qualquer cargo público, por seus delitos de associação ilícita e privação ilegítima a liberdade, agravada por ser “parte de um plano

genocida”<sup>(39)</sup>.

**MARIO NAKAGAMA:** Imputado juntamente aos ex-militares Carlos Eduardo Carrizo Salvadores e Jorge Acosta, na causa do massacre de “La Capilla del Rosario”, que ocorreu em agosto de 1974, onde foram assassinados 16 integrantes do Exército Revolucionário do Povo (Ejército Revolucionario del Pueblo - ERP) que tentara tomar o Batalhão de Infantaria Aerotransportada 17. Diante da impossibilidade de dar sequência ao plano, a operação foi abortada, uma parte do grupo conseguiu fugir, mas os 16 que não puderam, decidiram se render e entregaram suas armas, ainda assim foram fuzilados.

Em outubro de 2013 o Tribunal Federal de Catamarca os considerou culpados, condenando eles a prisão perpétua. Nakagama deveria cumprir sua pena na penitenciária de Miraflores, em Capayán, Província de Catamarca<sup>(40)</sup>.

No entanto, no dia 9 de junho de 2016, a Câmara Federal de Apelações Penais aceitou o recurso movido pelos advogados de Nakagama, Carrizo Salvadores e Acosta, por considerar que os crimes foram cometidos antes do início da ditadura militar. Nakagama e Carrizo foram soltos, e Acosta permaneceu preso por ter sido condenado em outro caso de crime contra a humanidade<sup>(41)</sup>.

**ADOLFO KUSHIDONCHI:** Foi comandante da Gendarmería Nacional. Em junho de 2012, um juiz federal de Santa Fe ordenou sua prisão. Kushidonchi é imputado como um dos responsáveis pela tortura de 39 presos políticos e pelos homicídios de Luis Alberto Hormaeche e Raúl San Martín, que ocorram na penitenciária de Coronda, na Província de Santa Fe, onde ele trabalhou como diretor desde novembro de 1977.

38. <http://www.derechos.org/nizkor/arg/doc/sgo11.html>

39. <http://www.apdh-argentina.org.ar/sites/default/files/u57/SENTENCIA-CAUSA%20CAMICHA%20-%20FORMOSA-05-12-13%20%281%29.pdf>

40. <http://www.elancasti.com.ar/policiales/2013/10/8/perpetua-para-acusados-masacre-capilla-rosario-215541.html>

41. <http://www.elesquiu.com/policiales/2016/6/9/tres-condenados-masacre-capilla-rosario-fueron-absueltos-216888.html>



## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

Segundo depoimento dos sobreviventes, Kushidonchi era o mais cruel dos repressores. O médico Daniel Gollán falou a respeito: “o regime carcerário foi endurecendo com o passar do tempo. Um novo Comandante, cujo sobrenome era Kushidonchi, argentino, mas de origem japonesa, ficou encarregado da direção. Desde esse momento teve início um programa cujo objetivo, reconhecido sem meias palavras por esse senhor, era quebrar moralmente a maior parte dos detentos. Quando ele chamava alguém para o seu escritório utilizava-se de um cinismo sem limites<sup>(42)</sup>”.

Entre março e setembro de 1976, antes de dirigir a cadeia de Coronda, juntamente com o ex-comandante Octavio Zirone (falecido em junho de 2014), Kushidonchi comandou a Unidade Criminal nº 3 de Rosario (UP3). Com base nas denúncias recebidas, foram acusados pela “privação ilegal da liberdade agravada” e “tortura agravada” a 40 ex-presos políticos. A causa teve início em abril de 2013, perante o juiz federal nº 4 de Rosario, Marcelo Bailaque<sup>(43)</sup>.

Por incrível que pareça, Kushidonchi foi designado como Diretor de Transporte e de Polícia de Trânsito no dia 6 de julho de 1994 na cidade de Moreno, durante a gestão do prefeito

Dr. Júlio Antonio Asseff.

## OS FAMILIARES DOS DESAPARECIDOS

Não constituímos um grupo orgânico. Estamos em contato permanente, mas só nos reunimos ante fatos pontuais.

Como foi dito anteriormente, nossa história coletiva começa nos arredores de 1978 por iniciativa de Maria Antonia Higa (Mary), uma das irmãs de Juan Carlos Higa e Eduviges Bressolin (Beba), esposa de Oscar Oshiro que visitavam aos familiares de nikkeis desaparecidos com o objetivo de nos unir para realizar gestões conjuntas perante o governo japonês e instituições da coletividade estabelecida no país, a fim de obter apoio as nossas reivindicações de informação perante as autoridades nacionais.

Assim começamos a redigir cartas que entregávamos em mãos a funcionários japoneses que vinham à Argentina, ou pedíamos a conhecidos que viajavam ao Japão que as enviassem pelo correio de lá pois desse jeito tínhamos certeza que chegariam ao destino.



Elsa Oshiro e Nora Cortiñas, Mãe da Praça de Maio, quem sempre acompanha as atividades que realizam os familiares nikkei.

42. <http://info-moreno.blogspot.com.ar/2012/07/funcionario-durante-la-intendencia-de.html>

43. <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/rosario/10-44527-2014-06-20.html>

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

Ainda que a Embaixada recebesse cada família que a solicitava, mas não conseguimos que nos dessem uma entrevista em grupo.

Conseguimos nos reunir somente em 1982, quase no fim da ditadura, quando a Mães da Praça de Maio, que se propuseram visitar as embaixadas dos países que tinham desaparecidos nativos ou descendentes, solicitaram ser recebidas e lhes responderam afirmativamente. Nessa ocasião Nora Cortiñas participou e esse foi o começo de uma amizade que foi crescendo com os anos.

O embaixador Keishu Ochi nos avisou que enviaria ao Japão os dados de nossos desaparecidos, mas deixou claro que seu governo não deixava intervir nos problemas internos da Argentina, que a intenção era fazer contatos extraoficiais e a ao contrário de outras Embaixadas, eles não davam informação a imprensa.

Um jornalista japonês nos explicou que a atitude do governo japonês tinha como objetivo evitar atrito com o governo militar, com quem mantinha relações comerciais e acordos de cooperação tecnológica.

Em 1985, se realizou em São Paulo, Brasil, a III Convenção Pan-americana Nikkei sobre a “Evolução social dos Nikkei nos diversos países americanos”. Decidimos preparar uma matéria, que foi apresentada pelo responsável da edição em espanhol do jornal La Plata Hoshi, Hector Yamashiro e o irmão de Katsuya Higa, Yoji. Pela primeira vez se abordou o tema dos desaparecidos em um encontro nikkei.

Este trabalho foi endossado com a assinatura de ex-integrantes da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento das Pessoas (CONADEP): o escritor Ernesto Sábato, Graciela Fernández Meijide, integrantes da Assembléia Permanente pelos Direitos Humanos (APDH) e o bispo da Igreja Evangélica Metodista (IEMA), Carlos Gattinoni e também por Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz e Hebe de Bonafini pelas Mães da Praça de Maio, e cem membros da coletividade.

Durante esses anos vieram muitos jornalistas japoneses a Buenos Aires por diferentes motivos, e alguns se aproximaram da Praça de Maio durante a caminhada das Mães.

Cada vez que viam um rosto oriental, elas se aproximavam para perguntar se eles sabiam que havia desaparecidos dessa origem e se queriam saber sobre eles. Então ligavam para Mary ou para mim e concedíamos uma entrevista.

Em 1986 ficamos sem uma referência do grupo. Beba decidiu se radicar na Itália com seus dois filhos. Retornou doente em 1993 e faleceu em 1995.

No começo do mês de dezembro de 1998, o então Presidente da Nação, Carlos Saúl Menem viajou ao Japão, em comemoração ao centenário do relacionamento bilateral entre ambos os países. Como acostumávamos fazer, enviamos uma carta ao Ministério das Relações Exteriores do Japão. A grande surpresa foi quando nos ligaram da Embaixada para nos convidar para uma reunião com o Primeiro Secretário, Tadashi Nakamae, no dia 25 de janeiro de 1999. Nessa entrevista nos comunicou que o governo japonês tinha resolvido incluir o tema dos desaparecidos Nikkei na agenda bilateral de ambos os países, e logo nos conduziu ao escritório do Embaixador Teruo Kijima a quem agradecemos a gestão. Ele nos respondeu: “Quem dera eu pudesse fazer mais.”

A pedido desses funcionários, organizamos em seus escritórios uma reunião com uma advogada que participava dos Julgamentos pela Verdade que estava em andamento na Câmara Federal de La Plata e com os integrantes da Equipe de Antropologia Forense, porque queriam saber o que estava ocorrendo no país para conhecer o que aconteceu com os desaparecidos.

Através das Mães nos vincularam como representantes da Organização Não Governamental denominada Peace Boat, que mostraram interesse por nossos problemas. Por isso convidaram Laura Bonaparte (das Mães da Praça de Maio, uma das fundadoras) e o jornalista Andrés Asato (de La Plata Hoshi), para participar do trajeto Rio de Janeiro - Buenos Aires, no cruzeiro internacional, do dia 27 de fevereiro a 2 de março de 2000 para que palestrassem sobre os Desaparecidos da Argentina, em geral e os Desaparecidos da Comunidade Japonesa na Argentina.

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina



Mary Higa, no centro, com Taty Almeyda e Marta Vásquez, atual presidenta das Mães da Praça de Maio, e membros do Peace Boat na caminhada das quintas-feiras, na praça.

Na realidade, haviam convidado Andrés Asato para que falasse de futebol, já que também era jornalista esportivo. Isso o intrigou muito, já que ele tinha começado a escrever um livro sobre os desaparecidos, e como ele sabia dos contatos que havíamos tido dos familiares com

os representantes dessa organização, pensou que o tema a ser discutido seria o mesmo. Sugerimos que quando tocasse o tema do Mundial de 1978, introduzisse o tema da repressão ilegal e das vítimas da coletividade, e assim foi. Uma vez que chegaram a Buenos



Nora Cortiñas e Marta Vasquez, Mães fundadoras. Olga Márquez e Ricardo Arédez esposa e filho do Dr. Luis Arédez detido desaparecido, ex prefeito de Libertador General San Martín, provincia de Jujuy e ex médico do Engenho Ledesma, respectivamente, durante uma reunião com Peace Boat.



## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

Aires, um grupo de participantes do cruzeiro e membros da equipe de Peace Boat participaram da caminhada das Mães na Praça e se reuniram com alguns familiares, (entre eles os pais de Norma e Luis Matsuyama, de Carlos Horácio Gushiken, Oscar Oshiro, Jorge Nakamura e Jorge Oshiro) algumas Mães da Praça de Maio, e membros da equipe do Serviço de Paz e Justiça, na sua sede dessa última organização. Ali escutaram nossos testemunhos e pudemos realizar um intercâmbio de ideias.

Retornaram no ano seguinte e participaram na multitudinária passeata de comemoração dos 25 anos do golpe de Estado.

Continuaram vindo a Buenos Aires e participando das marchas. Também solicitaram entrevistas com a Embaixada, mas nós lhes fizemos notar que o importante era que eles realizaram gestões ante o governo central, que era quem tomava as decisões e que nos ajudaram a visibilizar nossos problemas ante a

sociedade japonesa.

Entre os dias 4 e 10 de março de 2001, o Centro de Estudos Japoneses do Departamento da Ásia e do Pacífico, dirigido pela Dra. Cecilia Onaha, dependente da Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas, organizou a II Semana do Japão em La Plata.

Solicitamos um espaço nas jornadas e preparamos um documento que titulamos “Desaparecidos da Coletividade Japonesa”, onde cada família fazia um relato das suas origens e culminava com a história de vida do desaparecido. Foi algo assim como nosso “documento base”, que vamos atualizando em medida que podemos. A última versão foi em 2011, e se titula como “Dezessete histórias entre trinta mil. Os desaparecidos da coletividade japonesa na Argentina”.

Em 15 de março de 2001, faleceu Mary Higa, depois de uma longa doença. Foi uma grande perda para nós, pois ela era o suporte do grupo.



24 de março de 2011. Marchando pela primeira vez e levando a bandeira com os rostos de nossos desaparecidos

Tinha contatos com os Órgãos de Direitos Humanos, e ao pertencer ao Círculo Católico Japonês contava com informações atualizadas sobre as instituições da coletividade. Além de ser uma pessoa muito agradável, com ideias

claras e firmes convicções.

Para o 25º aniversário do golpe de Estado, por sugestão de Nora Cortinas, Mãe da Praça de Maio – uma das fundadoras, fizemos nossa própria bandeira, que tem os rostos de nossos

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina



Foto da passeata de 24 de março de 2012, publicada na capa do jornal Página 12, no dia seguinte.

desaparecidos, e marchamos com ela junto ao Órgão de Direitos Humanos.

A partir de então seguimos fazendo todos os anos, com uma dupla satisfação: cada vez nos

acompanham mais membros da coletividade que não tem familiares desaparecidos, e por outro lado, se aproximam pessoas que nos dizem: “eu militei com..., ou eu fui à escola



Familiares junto a Nahir Amuedo e Laura Bonaparte (Mães da Praça de Maio – fundadoras), durante a mostra de arte, realizada no Centro Okinawense.



## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

com, ou eu trabalhei com ele ou ela...”, e assim conseguimos mais informações que nos ajuda a completar suas histórias de vida.

A respeito da relação dos grupos da coletividade, foram mudando de atitude nesse período. Uma das primeiras organizações a se aproximar de nós foi um grupo juvenil criado recentemente, a Rede 2K (“dois em japonês se diz “NI” e K em inglês se pronuncia “KEY”, ou seja, “Rede Nikey”). Em 2001 nos convidaram para participar em um stand, na jornada de arte que realizaram no Centro Okinawense.

Em 2002, os jovens da Rede 2K nos propuseram organizar juntos uma mostra dedicada exclusivamente aos Nikkei desaparecidos, que titulamos “Não desaparece quem deixa marcas”, na sede social dos imigrantes da prefeitura de Nakagusuku, Okinawa, e cuja presidência nesse momento era exercida por Alberto Onaha, amigo pessoal de Juan Carlos e Katsuya Higa.

Nessa oportunidade preparamos painéis com fotografias de diferentes etapas de suas vidas, expusemos objetos que lhes pertenciam e o grupo “Lumilagro” musicalizou e interpretou alguns poemas escritos por alguns deles.

Tendo em conta a grave crise que estava atravessando o país, especialmente os setores mais vulneráveis, solicitamos aos assistentes que colaborassem com alimentos não perecíveis que seriam enviados ao restaurante popular de Libertador General San Martín, Departamento de Ledesma, província de Jujuy, que era coordenado por Olga Márquez de Arédez, com a ajuda de um grupo de mulheres.

Para o fechamento do ato, colocaram papeizinhos com os nomes dos desaparecidos em um vaso onde se “plantou” um ginkgo biloba, cuja ideia original era levá-lo ao Jardim Japonês de Palermo. Lamentavelmente, as autoridades do espaço responderam que ali não podiam fazer “atos políticos”. Perante a negativa, foi plantado no Parque da Memória, e colocamos uma placa em memória aos 30.000 detidos desaparecidos em um ato realizado no mês de novembro, que foi prestigiado por familiares, amigos, e representantes de organizações de Direitos Humanos.

Em março de 2007 veio a Buenos Aires o Diretor Geral da UNESCO, Koichiro Matsuda de nacionalidade japonesa. E entregamos um exemplar do documento, que até então



Vista panorâmica da inauguração da mostra “Não Desaparece quem Deixa Marcas”, março de 2011.

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

se titulava “Quinze histórias entre trinta mil. Os desaparecidos da coletividade japonesa”. Mostrou-se muito comovido.

Em maio do ano seguinte, recebi um envelope enviado pela senhora Kaoru Inoue, de Kyoto, Japão, uma grande admiradora de Mercedes Sosa e amiga de um cidadão argentino radicado nessa cidade, que lhe contou sobre os desaparecidos e ela entrou em contato com nós. Kaoru começou a difundir em seu país o tema dos Nikkeis desaparecidos na Argentina. Como produto desse trabalho, juntou 200 assinaturas de cidadãos japoneses que se solidarizaram com a nossa luta e hoje as conservamos com enorme gratidão.

Em 29 de setembro de 2009 nos reunimos com o Ministro Tsuyoshi Yamamoto (segunda autoridade depois do embaixador), o Conselheiro Tadashi Mochizuki e o Cônsul Shigeru Iida e o Primeiro Secretário Kenya Uno, onde nos reiteraram que o governo do Japão continuava solicitando ao governo da Argentina informações sobre os desaparecidos, mas sem nenhuma novidade.

Nós comentamos que Ana, a irmã de Juan Carlos

Higa testemunhou contra os responsáveis do centro clandestino “El Atlético” onde esteve detido, e que minha família é autor da denúncia em outra causa que ainda não teve julgamento, e queríamos saber se a embaixada poderia apresentar também uma denúncia. Disseram que isso excedia as suas possibilidades.

Em troca, colocaram à disposição o Centro Cultural da Embaixada para realizar uma mostra. A mesma foi realizada entre 22 e 31 de março de 2010.

Na cerimônia de inauguração o Ministro Yamamoto expressou que “O governo japonês presta muita atenção ao tema dos Desaparecidos, não só porque as vítimas são da coletividade japonesa, mas também porque entendemos que se trata de um tema humanitário importante para a sociedade em geral...[e] vem solicitando ao Governo Argentino que leve adiante as investigações necessárias que conduzam ao esclarecimento da verdade e que nos facilite toda informação disponível..”

Em julho do ano passado [2009], Japão ratificou o “Convênio Internacional para a Proteção de



Familiares com Mirta Baravalle (Mãe da Praça de Maio, uma das fundadoras) e o Primeiro Secretário da Embaixada do Japão, Kenya Uno, durante a mostra “Não desaparece quem deixa marcas”, março de 2011.

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados” como um décimo segundo filiado. É o desejo de o meu governo estender a cooperação bilateral com o governo argentino para tratar as agendas internacionais na área dos direitos humanos...

... a Embaixada deseja colaborar com os familiares para que a sociedade argentina conheça mais sobre os casos dos Desaparecidos Nikkeis e para que sua memória se transmita as próximas gerações”.

Alberto Omaha mencionado anteriormente, foi eleito presidente da Associação Japonesa na Argentina (AJA), e desde essa nova função continuou apoiando nosso grupo, com o aval da Comissão Diretiva. Do dia 10 ao 12 de junho de 2011 voltamos a realizar a mostra “Não desaparece quem deixa marcas”, (essa vez com a colaboração do Instituto Espaço para a Memória), na sede da AJA na Av. Independência 732, com o patrocínio da Embaixada do Japão na Argentina. No ato inaugural estiveram presentes os próprios funcionários e o artista popular Víctor Heredia.

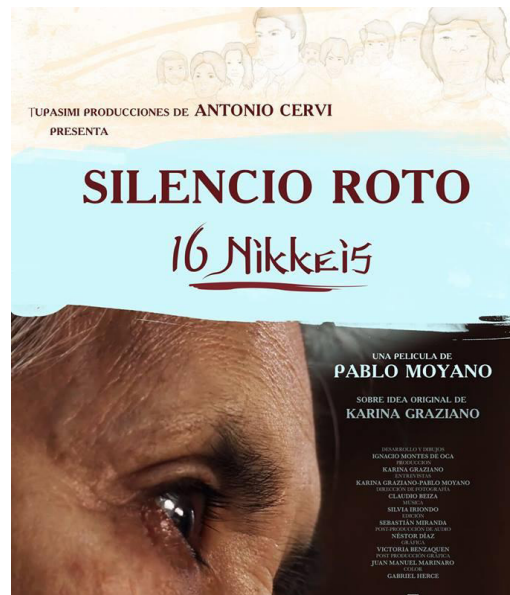
Na segunda jornada colocamos umas lajotas com os nomes das 17 vítimas do terrorismo do Estado, pertencentes à coletividade japonesa, na calçada da sede da AJA, junto com Bairros pela Memória e Justiça de San Telmo. Nesse dia conhecemos a Susana (a esposa) e Dario (o filho), de Juan Alberto Cardozo Higa.

Em novembro desse ano participamos do Festival anual Nikkai Matsuri, que foi realizado na Associação Japonesa, que se encontra no bairro Bajo Flores, com um stand com fotos dos desaparecidos. Distribuimos material informativo e pudemos conversar com as pessoas que se interessaram em saber mais de nós.

Desde 2012 vem sendo realizado as Jornadas “Japão e Argentina integradas na Arte” no espaço cultural da Biblioteca do Congresso da Nação, que a AJA organiza junto a essa instituição. No primeiro ano oferecemos uma palestra sobre detidos desaparecidos de origem japonesa; em 2014 se projetou o Documentário “Silêncio Rompido - 16 Nikkeis”, e no ano de 2015 foi organizada uma palestra com

um representante da Equipe Argentina de Antropologia Forense, que falou sobre a busca e identificação de restos dos detidos desaparecidos, e se concentrou nos casos resolvidos de Carlos Horácio e Júlio Eduardo Gushiken.

O dia 26 de março de 2015 foi a estréia oficial, no Cinema Gaumont, do documentário “Silêncio Quebrado - 16 Nikkeis”, que contou com a direção de Pablo Moyano. A ideia original pertence à Karina Graziano, que também realizou a investigação. Esta obra foi financiada pelo Instituto Nacional do Cinema e Artes Audiovisuais (INCAA).



Cartaz do documentário "documentário "Silêncio Quebrado - 16 Nikkeis"

Na medida de nossas possibilidades nós acompanhamos quando se realizam as apresentações que envolvem aos desaparecidos, tal como o livro (19 de maio 2007) e o documentário (17 de novembro 2008) sobre os desaparecidos do colégio Santa Lucía, de Florencio Varela, onde se incluem as histórias de Carlos Horácio e Júlio Eduardo Gushiken. Também estivemos presentes nos atos de homenagem que realizaram nos lugares de estudo: por exemplo, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional de Buenos Aires, onde foram entregues as copias dos arquivos dos alunos desaparecidos pelo

## Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina

terrorismo de Estado a seus familiares, entre eles Juan Carlos e Katsuya Higa (29 de abril de 2011), e na colocação de lajotas com os nomes dos desaparecidos do colégio Nacional Buenos Aires dentre eles Jorge Nakamura e Norma Inés Matsuyama (24 de Novembro de 2011), inauguração de uma placa na Escola Superior de Comércio Hipólito Vieytes, em homenagem aos ex-alunos desaparecidos e assassinados pela ditadura militar, entre eles Juan Takara (20 de abril de 2012) colocação de lajotas com os nomes dos desaparecidos do colégio Mariano Acosta, entre eles, Juan Carlos Higa (15 de maio de 2012) e em 28 de agosto de 2015, no já mencionado ato realizado na Escola de Educação Técnica Nº2 do distrito de General San Martín (Ex ENET Nº1 de Villa Ballester), onde estudou meu irmão, Jorge Eduardo Oshiro, se colocou uma placa comemorativa na entrada do estabelecimento e outra no Salão recém-inaugurado, que a partir dessa data leva seu nome.



Lajota colocada na entrada da EEST Nº2 "Alemanha", que lembra a passagem de Jorge Eduardo Oshiro pela instituição.

Traz quase quarenta anos de luta, e com o falecimento de muitos familiares, nos questionamos: o que acontecerá quando no futuro ninguém de nós fique para dar testemunho do vivido? Quem ficará a cargo de recolher a documentação que cada família guarda em seus lares? Estas perguntas acharam a resposta no começo deste ano, quando a Associação Japonesa na Argentina nos convidou a formar parte do Arquivo Histórico da Imigração, inaugurado em junho de 2015. Com isso, as histórias de nossos desaparecidos e a documentação gerada em todos estes anos de trabalho incessante e a luta sem claudicações estará preservada, organizada, e disponível para consulta de familiares e pesquisadores. Temos a convicção de que assim estamos honrando os nossos desaparecidos, e cuidando que suas marcas no sejam apagadas.

Assim mesmo, estivemos presentes na colocação de uma lajota que lembra Juan Carlos Higa, na calçada da casa que morava, em Agaces 280. Esta homenagem foi organizada por Bairros x Memória e Justiça, de Pompeya, junto à comunidade evangélica que comprou o prédio (18 de agosto de 2012).

Os dois acontecimentos mais significativos em quanto ao acompanhamento das famílias foram, sem dúvida, as cerimônias que se realizaram na ocasião de restituição dos restos de Carlos Horácio (dezembro de 2004) e Júlio Gushiken (20 de setembro de 2005).



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ardouin, Diego: Rediscovering the “Disappeared”, Dispatches International, 23 de mayo de 2010. Versión original en inglés, disponible en: <http://www.dispatchesinternational.org/?p=156>, y traducción al español en: <http://argentina.indymedia.org/news/2010/11/762655.php>

Brítez, Rafael y Néstor Denza, “Los pibes del Santa: Represión estudiantil en Florencio Varela, Ediciones Especiales, Universidad Nacional de Quilmes, 2012.

Cagnolo, Eduardo, Recuerdos de un soldado conscripto. En: Sísifo. La revista del Centro de Estudios Sociales y Sindicales, Año 2 N° 2, Diciembre de 2012.

Familiares de Desaparecidos de la Colectividad Japonesa: “Diecisiete historias entre treinta mil. Los Desaparecidos de la Colectividad Japonesa”. 2011. Próximamente disponible en: <http://www.ajanikkai.com.ar/>

Onaha, Cecilia. “Historia de la migración japonesa en Argentina. Diasporización y transnacionalismo”. En: Revista de Historia. Universidad Nacional del Comahue. Disponible en: <http://revele.uncoma.edu.ar/htdoc/revele/index.php/historia/article/view/83/81>

Watanabe, Melisa, “Huellas en la Memoria: Jorge Eduardo Oshiro y Horacio Gushiken. Entrevista a Elsa Oshiro y Celeste Higa”. Disponible en: <https://aprendizperegrinante.wordpress.com/2012/05/23/huellas-en-la-memoria-jorge-eduardo-oshiro-y-horacio-gushiken-entrevista-a-elsa-oshiro-y-celeste-higa/>

## **DOCUMENTÁRIOS**

“Los pibes del Santa”, realizado por Eduardo Cartoccio, Júlio Kaler, Néstor Denza y Rafael Brítez. Estrenado el 17 de noviembre de 2008.

“Silencio Roto. 16 Nikkeis”, realizado por Pablo Moyano y Karina Graziano, estrenado el 26 de marzo de 2015.







Editor: Alejandro Ernesto Ascitutto.  
Rua Fonrouge 652. Buenos Aires. República Argentina.

Tradução: María Celina Akemi Wotter Oshiro y  
Marcella Megumi Wotter Oshiro.

Correção do texto: Vanessa Cury e Mario Jun Okuhara.

Desenho: Joaquín Emilio Currea De Brigard

Ponto de venda em São Paulo: Livraria Marxista,  
Rua Tabatinguera, 318. Sé, São Paulo. Brasil.

Impresso em Tecno offset.

Rua Araujo 3293. Cidade de Buenos Aires. Argentina

Oshiro, Elsa

Os desaparecidos da comunidade japonesa na Argentina /  
Elsa Oshiro ; editado por Alejandro Ascitutto. - 2a edición  
especial - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Alejandro  
Ernesto Ascitutto, 2016.

Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online

Traducción de: María Celina Akemi Wotter Oshiro.

ISBN 978-987-42-2366-1



"Elsa Oshiro conta a história dos japoneses e descendentes de japoneses sumidos na ditadura militar argentina (1976-1983) e no período anterior, durante o terceiro governo peronista (1973-1976). Trata-se de 17 casos, 14 dos quais foram sequestrados e desaparecidos, 2 foram mortos no momento da detenção e um deles foi morto pela Tríplice A. O texto da Elsa permite-nos percorrer 17 histórias de vida, das suas famílias, suas esperanças e ilusões, muitos dos quais chegaram na Argentina fugindo dos horrores e angústias da Segunda Guerra Mundial. Oshiro descreve o imenso trabalho e o sofrimento dos parentes na procura dos seus entes mais queridos até o presente, para honrar sua Memória e continuar sem fraquejar na procura da Verdade e Justiça. É necessário mencionar que o caso dos desaparecidos "nikkeis" tem sido levado ao cinema: um recente documentário mostra essas histórias. Trata-se do documentário "Silencio quebrado. 16 nikkeis", dirigido por Pablo Moyano, ideia e pesquisa de Karina Graziano, que estreou no dia 26 de março de 2015 na Argentina.

ISBN 978-987-42-2366-1

